

FLORENCIA BONELLI

O QUARTO ARCANO O ANJO NEGRO

Tradução de Isabel Fraga



PORTO EDITORA

II

Buenos Aires, sexta-feira, 3 de Janeiro de 1806

Roger Blackraven puxou a corrente, retirando o seu relógio do bolso. Cinco e meia da manhã. Demasiado cedo. Certamente iria encontrar a sua casa em Retiro mergulhada no sono. Os crioulos de Buenos Aires não tinham o hábito de se levantar de madrugada. O próprio senescal, Pascasio Bustillo e a mulher, Robustiana, apesar de não terem nada de crioulos, eram gaditanos de gema, adoravam a farra, um bom vinho e um mexerico. Tinham trazido da península uma série de vícios que no Rio da Prata haviam aumentado. Ia ser obrigado a despedi-los. Não sabia porque não o fizera durante a visita do ano anterior.

Interessava-se pela prosperidade dos seus campos de Retiro. Procurava desenvolver a agricultura industrial naquelas terras generosas, assim como nos seus domínios de Antígua e de Ceilão. A propriedade que possuía nas margens do rio da Prata contava com uma nora que fornecia água aos campos e à casa. Embora o lagar e as duas azenhas ainda não tivessem começado a produzir, esperava vê-los a funcionar antes de deixar Buenos Aires. Transformaria as azeitonas e a linhaça em azeite, o linho e o cânhamo em fibras têxteis, as frutas e os vegetais em conservas, o trigo e os outros cereais em farinhas e os couros em produtos manufacturados – bridas, arreios, peças de vestuário, sapatos. Para este último projecto, construiria na zona dos armazéns, o que viria a ser a fábrica de curtume mais moderna dos vice-reinados espanhóis.

Os seus interesses não se relacionavam exclusivamente com negócios do foro económico. Anos antes, chegara ao Rio da Prata numa missão de natureza muito delicada, durante a qual teve de lutar entre as vantagens de investir numa terra de possibilidades ilimitadas e a missão que a Coroa Britânica lhe havia atribuído. Gostava de desafios. Estava em permanente desafio, a desafiar a sua própria força, a sua sagacidade, o seu poder. Era impiedoso consigo próprio e ambicioso. Não admitia a derrota; esta não tinha lugar entre os seus planos. Despediria os Bustillo. Não lhe serviam.

O caminho para a zona de Retiro, conhecido como a calle Larga, estava em péssimas condições, agravadas pela tempestade da véspera. Já tinham atravessado a frágil ponte de Matorras e ainda estavam vivos, o que não deixava de ser um milagre, tendo em conta as dimensões da carruagem.

Blackraven afastou a cortina e olhou à sua volta. A madrugada tingia o céu de um rosado vaporoso. Abriu a janela e a brisa da manhã acariciou-lhe a face. Adorava aquele momento do dia. Bateu duas vezes com o seu estoque no tecto da carruagem e sobressaltou o cão que estava aninhado aos seus pés. O rosto familiar de Somar apareceu no postigo que estabelecia a comunicação entre a cabina e a boleia.

– Vamos parar um instante – determinou o inglês. – A escada, por favor, quero descer.

Somar fez um gesto de assentimento e o amarelo claro do seu turbante contrastou com a escuridão que ainda predominava a oeste. A carruagem balançou quando o homem saltou para o chão. Ouviu-se o som metálico dos degraus a serem desdobrados e a portinhola abriu-se.

Antes de descer, Roger Blackraven, com um estalar de dedos, fez sinal ao seu cão, um terra-nova de porte magnífico e pelagem escura e abundante, para que o acompanhasse. O tamanho e a corpulência do cão intimidavam, mas era um animal fiel e carinhoso.

Blackraven esticou os braços e tentou acalmar-se. Já não estava muito longe da sua propriedade em Retiro e não fazia ideia do que iria encontrar. Poucas situações o incomodavam tanto como aquelas que lhe provocavam insegurança e embaraço. Incomodavam-no profundamente as coisas que escapavam ao seu controlo. No mundo complicado e traiçoeiro em que se movia, a falta de planificação e o acaso podiam custar a vida a muita gente. Mantinha-se em permanente estado de alerta. A tranquilidade e a descontração eram luxos a que não podia permitir-se.

Na véspera, em casa do seu sócio, Alcides Valdez e Inclán, fora recebido com notícias que o tinham deixado furioso. A ordem meticulosa que ele instaurara antes de deixar Buenos Aires, um ano antes, haviam-se alterado por completo e reinava um grande alvoroço nas suas propriedades e entre a sua gente.

A casa dos Valdez e Inclán situava-se na calle de Santiago, esquina com a de San Martín, assim chamada em homenagem ao santo padroeiro de Buenos Aires, Martín de Tours, a poucos quarteirões do Forte e da Plaza Mayor, uma zona considerada pelos entendidos como a melhor. Agradava a Blackraven o modo como, tanto espanhóis como crioulos, defendiam a grandeza de uma cidade que, em boa verdade, parecia um vilarejo. Mas era obrigado a admitir que ele próprio sofrera o inexplicável ascendente de Buenos Aires que, além de não ter atractivos, apresentava inúmeras dificuldades: um porto inacessível, ruas impossíveis, um ambiente pestilento, matilhas de cães raivosos, montes de lixo e grandes colónias de ratazanas. Perguntou-se se o atractivo local residiria nas mulheres, regra geral bonitas, algumas delas cultas, a grande maioria apaixonada. Sem dúvida, menos pacatas do que as inglesas. Agradavam-lhe as portenhas, os seus modos sem artifícios e melindres, não fazendo questão em ocultar a admiração que lhes suscitava um cavalheiro como ele.

Bateu duas vezes com a aldraba e ouviu uma correria lá dentro. Retorceu os lábios numa expressão de vaidade: as filhas de Valdez e Inclán aguardavam-no ansiosamente. Nessa manhã mandara um escravo avisar que chegaria por volta das quatro da tarde. Tal como no ano anterior, iria encontrá-las no vestíbulo, alinhadas da mais velha para a mais nova, os olhos postos no chão e as mãos no regaço. As quatro eram promissoras, mas Elisea, a mais velha, era uma verdadeira beldade. Entre as jovens, estava Bernabela, a esposa de Valdez e Inclán, a quem todos chamavam dona Bela. Quinze anos mais nova do que o marido, parecia sua filha. Contrastavam por vários motivos, pelo temperamento: animado o dela e severo o dele, pelo sorriso fácil de um e a expressão cortante do outro, pela pele de porcelana dela e a enrugada de Alcides, cuja vida de aventuras lhe deixara marcas fundas no rosto e no corpo. Contrastavam principalmente pela paixão que os olhos de âmbar de Bela reflectiam, ao contrário dos de Alcides, de uma cor escura, difícil de definir que só brilhavam e ganhavam luz própria quando viam dinheiro.

As mulheres de Valdez e Inclán eram, sem dúvida, belos exemplares, mas o entusiasmo de Blackraven devia-se a um outro motivo: voltar a ver a sua querida prima, Marie Teresse Charlotte Capet que escondia cuidadosamente há alguns anos sob o nome de Béatrice Solange Laurent e sob tutela de Alcides Valdez e Inclán. Iria ver também Víctor, seu afilhado e protegido, ainda que aquele garoto de grandes olhos verdes lhe provocasse sentimentos tão contraditórios que o levavam muitas vezes a desejar não o ver.

Quem lhe abriu a porta foi o mordomo – uma excentricidade naquelas terras, de peruca branca e rigorosos gestos de etiqueta, sapatos de fivela de bronze e tacaõ alto. Blackraven divertia-se ao ver o bizarro quadro que representava Efrén naquela fatiota: a peruca empoada e a pele negra do escravo davam um tom profundamente dissonante. Era surpreendente que o homem calçasse sapatos e interrogou-se quanto tempo teria ele demorado até se habituar.

O mordomo fez uma vénia e com um movimento de braço fez-lhe sinal para que passasse.

– Obrigado, Efrén – disse.

O negro nem tentou segurar-lhe no estoque, pois conhecia o hábito de Blackraven, conde de Stoneville, de o conservar sempre consigo. Limitou-se a retirar-lhe a leve capa de *durois*. Pouco depois entrou Somar, o ajudante inseparável de Blackraven, seguido de dois mulatos que transportavam vários caixotes. O mordomo lançou-lhes o mesmo olhar apreensivo que aquele infiel de turbante lhe havia provocado anos antes. As pequenas tatuagens nas maçãs do rosto, mesmo por baixo dos olhos, eram realmente intimidantes.

– Deixem os caixotes aí – declarou Somar aos mulatos num castelhano deficiente.

– Espera por mim no carro – ordenou Blackraven em inglês ao criado.

– Sim, milord – respondeu Somar, indicando a saída aos mulatos.

Blackraven deu alguns passos em direcção ao vestíbulo, onde se deparou com o quadro imaginado antes de bater com a aldraba na porta: as quatro filhas, a mulher e o dono da casa.

– Excelência! – exclamou Alcides, caminhando de braço estendido, conhecedor que era do hábito inglês de apertar a mão como cumprimento.

O título «Excelência» era pretensioso e ridículo naquelas circunstâncias, mas a verdade é que Roger Blackraven tinha nascido conde e, mais cedo ou mais tarde, tornar-se-ia duque de Guermeaux, enquanto Valdez e Inclán não chegava sequer a infância. Os títulos nobiliárquicos impressionavam os habitantes do Rio da Prata e pouco importava que se afirmassem adeptos das ideias revolucionárias de França, quando acolhiam um aristocrata.

– Dom Alcides, que prazer em voltar a vê-lo – declarou Blackraven.
– A si e a toda a sua família – acrescentou com uma inclinação de cabeça em direcção às mulheres.

Dona Bela e Blackraven trocaram um olhar, o dela tão revelador quanto o dele inexpressivo. Em seguida, largou a mão do seu anfitrião e franziu o sobrolho, o que dotou as suas feições de uma dureza de que, naturalmente, não precisavam.

– E a minha prima, a senhorita Béatrice? – perguntou impaciente. – E o pequeno Víctor?

– Vai ver que... – apressou-se dona Bela a responder, mas Alcides interrompeu-a.

– Já vamos falar deles, Excelência. Estão bem, muito bem – apressou-se a acrescentar. – Queira passar, por favor, vamos até à sala, onde nos aguarda um bom chá.

– Espero que seja do vosso agrado... – balbuciou dona Bela. – O chá... – esclareceu, envolvendo-o num olhar fixo, sem pestanejar.

– Efrén – chamou Blackraven, como se fosse o anfitrião –, leva estas caixas para a sala. São alguns presentes para as senhoras.

Roger explicou a dona Bela que o conjunto de porcelana era proveniente da sua fábrica, recentemente inaugurada em Truro, uma cidade da Cornualha, no Sudoeste de Inglaterra, que por sua vez se abastecia com o caulino proveniente das pedreiras que um prospector tinha descoberto, tempos antes, nas suas terras desta mesma região.

– Mas Vossa Mercê não nos tinha dito que nas suas terras havia minas de cobre? – perguntou Alcides.

– E há – disse, sem alterar a voz. – Mas as minhas terras são muito vastas. As pedreiras de caulino estão a muitas milhas de distância das minas de cobre. Como sei – prosseguiu sem pausa – que as meninas gostam mais de chocolate do que de chá, trouxe-lhes do melhor que há na Jamaica.

Entregou a Elisea a caixa de madeira com o precioso conteúdo; ela tomou-o nas suas mãos inseguras, enquanto as pálpebras tremiam sem saber para onde olhar. «É lindíssima» pensou, apesar de, ao observá-la com mais atenção, ter reparado numa certa palidez doentia que lhe apagava ligeiramente o viço das maçãs do rosto e o tom carmesim dos lábios. Dona Bela agitou com elegância a campainha, repreendendo a escrava por ainda não ter servido o chá.

– Nós vamos tomá-lo no escritório de dom Alcides – declarou Blackraven. – Se dona Bela o permitir – acrescentou com uma leve inclinação de cabeça.

Roger Blackraven não era o tipo de homem a quem se recusasse o que quer que fosse. Valdez e Inclán pôs-se de pé e o convidado seguiu-o até à divisão a que chamavam «escritório». Sabia que a ausência da sua prima, a senhorita Béatrice, e do seu protegido, o pequeno Víctor, o aborreciam e que só a presença das mulheres o tinha impedido de perder as estribeiras. Mal o chá foi servido, Valdez e Inclán apressou-se a perguntar:

– Chegaste há muito tempo?

– Três dias.

Alcides arqueou as sobrancelhas. Regra geral, Blackraven apresentava-se lá em casa logo que chegava a Buenos Aires.

– Tiveste algum problema na alfândega? Agora a Inglaterra e a Espanha estão em guerra... – observou.

– Não, nenhum.

Fez-se um silêncio que Alcides se preparava para quebrar quando a voz grave e profunda de Blackraven inundou a sala.

– Diz-me onde está a minha prima e o meu afilhado. Já!

A atitude impositiva de Blackraven constrangia-o. Era como um César, temido e admirado, com aquele corpo de homem das galés e aquela cara de pirata. A impressão que causava não resultava dos seus títulos nobiliárquicos, nem do seu património, que ninguém sabia ao certo quanto valia. O que impressionava era aquela firmeza inamovível no seu olhar, o ar reflexivo que conseguia manter nas situações mais desesperadas, a voz carente de inflexões que utilizava de modo idêntico para elogiar e insultar, o desapego com que seduzia ou condenava à morte. Por outro lado, o seu fino sarcasmo, a sua vocação para o gracejo e uma loquacidade viva que convencia qualquer um também eram características suas.

Roger Blackraven era também um homem de extremos. Não se caracterizava pela paciência nem pela tolerância. A sua natureza, geralmente afável, tornava-se tempestuosa, rugindo inclemente, quando as suas ordens não eram cumpridas ou quando os seus desejos não eram satisfeitos. Enfurecido, era um espectáculo imponente que valia a pena observar.

Dizia-se que Roger Blackraven continha a sua própria antítese. De qualquer modo – e isso era o mais admirável aos olhos de Valdez e Inclán –, um acto de descontrolo desproporcionado resultava de um plano deliberado e meticulosamente concebido. Nenhuma explosão de sentimentos, nenhuma expressão de indignação ou prazer faziam com que o seu coração vibrasse com mais intensidade do que uma chávena de chá, estando bem acomodado numa poltrona, como naquele preciso momento.

Em boa verdade, a única afirmação segura que se podia fazer, era que Roger Blackraven era um mestre da dissimulação.

– Vais ver, Roger – começou Valdez e Inclán, e Blackraven percebeu o medo de Alcides.

Olhou-o por cima da chávena, a fim de o perturbar um pouco mais. Gostava de jogar ao gato e ao rato.

– Eles estão bem, a sério – insistiu.

Blackraven baixou os olhos, ocultando um sorriso pleno de sarcasmo. Ainda se lembrava bem da primeira vez que encontrara Alcides Valdez e Inclán, bêbado e choroso, num bar de má fama, em Londres, onde acabava de perder o seu último *penny*. Falou-lhe em castelhano e ofereceu-se para o levar a casa. Foi Somar quem o ajudou a subir os degraus e a acertar com a chave na fechadura. Nessa noite conheceu a sua mulher, Bernabela, na altura uma jovem, e as pequenas Elisea e Marcelina cujas expressões de desolação o comoveram. Antes de se ir embora, tendo deixado Alcides a roncar num dos sofás da sala, entregou a Bernabela o seu cartão.

Valdez e Inclán não era um jogador inveterado, tentara simplesmente equilibrar os seus desaires económicos com as cartas e, inexperiente como era, tornara-se num petisco nas mãos dos jogadores profissionais que o depenavam. Na verdade, era um homem de inteligência viva, um observador atento, pouco dado a conversas. Blackraven ofereceu-se para lhe pagar

as dívidas, salvando-o da prisão de Newgate, a troco de alguns serviços de pouca monta e Valdez e Inclán aceitara. Sob a sua tutela, o espanhol revelou-se um administrador hábil e zeloso e depressa mostrou possuir outra virtude: a discrição. Esta ganhou importância sobre as outras e Blackraven soube aproveitá-la para questões de maior complexidade. De dia para dia, Alcides Valdez e Inclán tornava-se mais útil e mais importante.

À relação entre os dois homens não podia chamar-se amizade. Blackraven não o respeitava. Usava-o, do mesmo modo que Valdez e Inclán se servia da posição, do dinheiro e do talento para os negócios de Blackraven. Entre ambos havia-se estabelecido a sociedade perfeita na qual nenhum dos dois baixava a guarda com medo de ser destruído. Blackraven conhecia os mais perversos segredos de Valdez e Inclán e este, alguns dos mais delicados do outro. Havia anos que conviviam naquela espécie de casamento de conveniência e ninguém duvidava de que o fariam durante muitos mais anos.

Dos dois, era Roger Blackraven quem dava as cartas. Valdez e Inclán era vulnerável e obediente devido à sua dependência económica. A casa onde vivia, os escravos que o serviam, as dispendiosas peças de vestuário que usava, os requintados petiscos que levava à boca, tudo provinha do bolso inesgotável de Blackraven que estimulava aquela dependência como o meio mais eficaz de o submeter. Valdez e Inclán tratava dos seus assuntos, encarregava-se das situações complexas, apresentava-se como seu testa-de-ferro em diversos negócios e era magnanimamente recompensado. Se Alcides Valdez e Inclán tivesse colocado o mesmo rigor na administração do seu próprio dinheiro, seria rico. Mas casado com uma mulher como Bernabela Coutinho, sendo pai de quatro filhas coquetes e tendo ainda a seu cargo uma cunhada solteirona e um cunhado preguiçoso e perdulário que era o ai-jesus de dona Bela, o dinheiro escorria-lhe como areia por entre os dedos.

– Vamos, fala! – declarou Blackraven, impaciente, levantando-se, com o estoque sempre debaixo do braço.

– Vou contar-te tudo desde o princípio para que possas compreender.